

**A ausência de evangélicos no documentário “O Mito de Bolsonaro: o que pensam e como se organizam seus apoiadores?”, de Vice Brasil**

Resenha de: BRASIL, Vice. O mito de Bolsonaro: o que pensam e como organizam seus apoiadores. 2019.

Caius Costa Amaral de Sousa  
Graduado em História (UEL)

Wander de Lara Proença  
Doutor em História (UEL)

**Introdução**

Jair Messias Bolsonaro alterou radicalmente, a premissa que orientava a análise da vitória em direção ao Palácio da Alvorada: embora, visto inicialmente como figura excêntrica e folclórica pela grande mídia e comparado no jargão político aos candidatos chamados de “cavalos paraguaios”, soube manusear o discurso e o idioma da direita cristã a seu favor. Sob esse novo contexto político, seu perfil de líder outsider contribuiu para consolidar a formação de uma nova direita no país (MAITINO, 2018), sobretudo por meio de propostas que vieram a atender o grupo dos evangélicos mais conservadores.

Dessa forma, o ex-deputado durante as eleições, concorreu por um micropartido; a alteração de filiação partidária de um ano para seis meses antes do pleito, possibilitou que Bolsonaro munido de pesquisas mais concretas dos eleitores, se filiasse ao PSL (Partido Social Liberal) somente a sete meses da eleição. A duração de campanhas também foi reduzida à metade: de noventa dias em 2014 para 45 dias em 2018; em razão, de horários eleitorais menores analistas acreditavam que a condição favoreceria partidos e políticos tradicionais, o ambiente foi oposto, Bolsonaro contou com oito segundos de propaganda por bloco. Em contraste, Geraldo Alckmin (PSDB), candidato com mais tempo, possuía oito minutos e 32 segundos.

A conquista do tradicional nicho moderado – Sul e Sudeste – vencendo em todos os estados que compõe as regiões, mesmo sendo um candidato de espectro neoconservador tratou-se de outro elemento diferencial na radiografia das eleições de 2018. Nessa perspectiva e novas condições Bolsonaro, manteve somente dois padrões do jogo tradicional brasileiro desde a redemocratização: “I) o nome que está na liderança no começo do horário eleitoral gratuito vence as eleições; II) o

candidato que passa para o segundo turno em primeiro lugar vence as eleições” (NICOLAU, 2020, p. 30).

A contagem de votos por sua vez, revelou que não se tratava de uma vitória solitária, mas de um movimento que se agregou em torno de sua imagem. Desse modo, a partir da produção audiovisual “O Mito de Bolsonaro: o que pensam e como se organizam seus apoiadores?” da revista Vice Brasil, disponível no Youtube desde 2018, ano de sua realização, busca-se compreender e investigar os membros que pertencem ao eixo de gravidade em torno de Jair Bolsonaro, sublinhando que o documentário não apresenta uma das principais categorias de apoio do atual presidente – a direita cristã. A obra é dividida em seis entrevistas acompanhadas pela jornalista Juliana Droghetti, na descrição do vídeo encontramos: “para entender de perto a obsessão pelo deputado federal e candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) e como é estruturada a sua rede de apoio na internet, a VICE foi até São Paulo e Rio Grande do Sul para investigar as suas maiores bases de apoio no país” (VICE BRASIL, 2018).

O documentário investigado, foi produzido pela revista Vice Brasil, empresa que surge em 1994, inicialmente de maneira impressa e abordando temas como: arte, cultura e música. Desde seu início focou em consumidores e leitores da chamada geração millenium , cujo desenvolvimento acompanhou o processo de expansão da internet, ou seja, a empresa pertence a um novo espaço de comunicação digital chamado pelo teórico da ciência da informação Pierre Lévy de ciberespaço , definido pela interconexão mundial de computadores e por conter um espaço oceânico de informações (LÉVY, 1999, p.17). Esse novo ambiente virtual e de acesso a ferramentas do conhecimento proporcionou uma variedade maior de pontos de vista (BRUZZONE, 2021, p.43), por outro lado, também resultou em fissuras no tecido comunitário da sociedade. Tal circunstância à exemplo, é observada ao analisarmos o número de Likes 22 mil, e 9,7 mil Dislikes do documentário, apesar da baixa diferença numérica, os dados exibem discrepância.

No que diz respeito ao jornalismo da revista, aparentemente imerso em novas possibilidades de divulgação de notícias por meio de um storytelling, permitindo que o jornalista descreva a situação como vê, ainda atua de acordo com Marshall McLuhan pelos mesmos mecanismos e lógica empregados por todos os setores da mídia, caracterizados por destruir a essência do ser humano e causar danos em sua capacidade de pensar, aprender e se relacionar

Toda mídia opera sobre nós de uma forma total. Os meios têm consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais tão intensas que não deixam nenhuma parte nossa intocada, não afetada, inalterada. O meio é a mensagem. É impossível qualquer compreensão sobre mudanças sociais e culturais sem um conhecimento do modo como a mídia funciona como contexto. (MCLUHAN, 1967, p.26)

Em um mundo cada vez mais conectado e informacional, o impacto que a mídia provoca no jogo democrático é cada vez maior. À vista disso, o *Times* imprensa dominante em Londres, chamou atenção recentemente, ao considerar-se como um quarto poder, para além do legislativo, executivo e judiciário. Por sua vez, a afirmação não está distante do cenário nacional.

Porém, a resenha, não tem como intuito desdobrar-se acerca dos meios de massa que acompanham a democracia representativa, mas registrar a ausência de um elemento fundamental no tema investigado pelo documentário: durante seus 25 minutos e 34 segundos, a categoria evangélica não será mencionada como um dos pilares de sustentação da vitória do atual presidente, assim o tópico de dimensões significativas para o entendimento do avanço do bolsonarismo será descartado.

## **O voto evangélico**

A inexistência de entrevistas a evangélicos trata-se de um problema da produção. Dado que, aproximadamente 21 milhões de fiéis pertencentes a denominação votou no ex-deputado (ALMEIDA, 2019, p.183). Segundo José Eustáquio Alves (2019): “não há dúvida que o voto evangélico foi fundamental para a eleição de Jair Bolsonaro. Mesmo sendo menos de um terço do eleitorado, as lideranças evangélicas são muito atuantes na política e estão colhendo o resultado de anos de ativismo religioso na sociedade” (ECODEBATE, 2019). Embora, não seja uma categoria homogênea, nos últimos anos projetos eclesiais corporativistas essencialmente, mais conservadores, passaram a transitar com maior frequência nos espaços de poder. A antiga crença de “crente não se mete em política” assim, foi substituída aos poucos pelo slogan “irmão vota em irmão”.

A proposta encarnada por Bolsonaro veio atender principalmente, a direita cristã, como dito por José Wellington, um dos principais líderes das Assembleias de Deus: “o único candidato que fala o idioma evangélico” aquele capaz de defender um Brasil mais próximo da Bíblia que prioriza

também a família” (ÉPOCA, 2018). A afinidade cristã do ex-deputado foi traduzida em propostas de conservação dos valores morais, assimilados pela chamada família tradicional, anticomunismo, oposição a direitos LGBTQIA+ e a liberdade feminina. Bolsonaro, representando esses princípios, após a ida para o segundo turno declarou:

Boa noite, brasileiros. Primeiro, meu muito obrigado aos quase cinquenta milhões de pessoas que acreditaram em mim no último domingo. O nosso compromisso, a nossa plataforma, a nossa bandeira, baseia-se em João 8:30: **‘Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’**. **Meu muito obrigado às lideranças evangélicas**; ao homem do campo, quer que seja do agronegócio, quer que seja da agricultura familiar. Obrigado caminhoneiros. Obrigado, policiais civis e militares, integrantes das forças armadas. Obrigado, **família brasileira, que tanto clama para que seus valores sejam respeitados**. E mais ainda, que a inocência da criança em sala de aula esteja acima de tudo. Muito obrigado em especial à região Nordeste, que apesar de eu ter perdido lá, nunca alguém que fez oposição ao PT teve uma votação tão expressiva como eu tive. (BOLSONARO, 2018). (Grifos nossos).

As articulações religiosas, sociais e culturais do atual presidente enquadram-se em um atual movimento de expansão no número de evangélicos e avanço da nova direita no país. Sua associação com ambas as condições serviu a conter uma suposta ameaça comunista e ataques culturais a dita família tradicional. Nesse ambiente de conjunturas caóticas, tornou-se certamente o presidente “mais próximo da imagem que os evangélicos mantêm deles próprios, de suas esperanças e do ideal de felicidade terrena”. (CAMPOS, 2019, p.368)

### **Ausência da categoria evangélica**

Os caminhos apresentados ao longo do documentário, dialogam com as incertezas do século XXI, apontada por pensadores como a era do pós-modernismo. Na formação, da modernidade em torno de 1500 prevaleceu inicialmente, um sentimento de otimismo frente aos avanços científicos. Todavia, com o surgimento das Grandes Guerras tudo que era sólido passou a desmanchar no ar, o sonho compartilhado coletivamente é estilhaçado, e já no século XX o “eu” – indivíduo - recebe novas proporções. As relações interpessoais e sociais deixam de fornecer suporte seguro a determinação da identidade, conseqüentemente há profundas mudanças nas formas de representação política.

A repórter Juliana Droghetti acompanha apoiadores que agem no coletivo em torno de Bolsonaro, no entanto, segundo o documentário as preferências desses eleitores perpassariam seus

próprios valores individuais. Entende-se valores, como conjunto de crenças que definem as escolhas pessoais, em outras palavras são a lente a qual o sujeito compreende a si mesmo e o mundo. Dessa maneira, Mauricio Severo é um dos entrevistados da produção, motorista de Uber na cidade de Viamão Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Momentos antes da exibição de sua fala, a Vice Brasil opta por exibir imagens de uma reportagem da TV Senado, na qual Bolsonaro diz não se sentir incomodado ao ser chamado de homofóbico.

A intenção de apresentar a fala segundos antes da entrevista, é evidenciar certa incoerência no posicionamento de Severo. Gay e pró-Bolsonaro, caminha olhando para baixo, enquanto conversa com a repórter pelas ruas da cidade em um cenário audiovisual informal, em sua feição observamos um possível desconforto com relação aos tópicos da conversa. No minuto 14:50 declara: “É difícil achar gays que compactuam com a minha ideia, com a minha forma com a minha visão sobre tudo isso, tanto que eu não tenho amigos gays por isso, meus amigos 99% são héteros”.

O distanciamento do grupo LGBTQIA+, aos projetos protagonizados por Bolsonaro ocorre, sobretudo, a partir de 2011. Na Câmara dos Deputados ele passa a atuar ativamente, nas questões comportamentais:

Ele passa a dar destaque ao que chama de “**defesa da família tradicional**”, que ao seu ver seria ameaçada pelo **casamento gay, pelo material escolar do governo do PT** “que incentiva as crianças a serem homossexuais” e até pela “lei menino Bernardo” (lei 13 010/2014), que pune castigos físicos e maus tratos contra as crianças, a qual Bolsonaro, tiraria a autonomia dos pais. **É como defensor dessa agenda que ele estabelece as primeiras conexões com a bancada religiosa e conservadora da Câmara dos Deputados** (NICOLAU, 2020, p.76). (Grifos nossos).

Entretanto, o registro audiovisual não menciona nenhuma conexão entre as falas de Severo e as medidas políticas defendidas por um grupo cristã neoconservador, optando por apresentá-lo como um caso discrepante.

À medida que, a entrevista discorre observamos que há um uso recorrente dos planos cinematográficos: americano e conjunto<sup>1</sup>, porém no minuto 15:10 temos um plano *close-up* dos braços de Severo, enquanto a câmera o filma de forma não frontal ele afirma: “Os próprios gays são extremistas, e eu na comunidade LGBT sou visto com gay homofóbico pelo fato de eu ter essa

---

<sup>1</sup> O plano americano enquadra a pessoa aproximadamente dos joelhos para cima. Enquanto, o plano conjunto assemelha-se ao plano geral, porém aproxima-se mais do objeto de filmagem, se o objeto for uma pessoa por exemplo, todo o corpo dele estará à vista, mas não preencherá a tela.

ideia firme. Homem tem que ser homem, mulher tem que ser mulher, indiferente do sexo que se relacione”. A linguagem audiovisual do *close-up* também chamado de primeiro plano permite estranhamente, manter o indivíduo distante, mesmo durante a conversa cara a cara.

O *close-up* desloca o objeto do olhar, fragmenta-o e esculpe-o fora de seu meio [...] o *close-up* leva a uma parada no fluxo da narrativa, gerando uma imagem quase estática [...] combinando com o efeito de isolamento e abstração do impacto da escala na tela do cinema, o *close-up* é dotado de uma força de interpelação, ele insiste, chama e direciona a atenção do espectador. (BEUGNET, 2007, p.90)

Na construção narrativa do documentário, a preferência por expor os comentários de Bolsonaro nos momentos anteriores à entrevista analisada e o *close-up* na fala de Severo sobre o comportamento de homossexuais, tem por finalidade apresentá-lo como indivíduo conflitante.

O Brasil, contudo, já acompanha outros países e possui correntes de evangélicos progressistas que se mobilizam para defender a igualdade de gênero e se contrapor à mercantilização da fé nas grandes igrejas, como é o caso da Aliança Nacional LGBTI+. Congruente as posições desses grupos, resultados de pesquisas coordenadas por professores da USP e Unifesp em 2017 durante o evento Marcha para Jesus<sup>2</sup>, confirmam certa tolerância por parte de cristãos as chamadas questões comportamentais. Com base em 484 entrevistas, e com margem de erro de 4,5%, o estudo relevou: “um grupo entre 20% e 30% que concordou com afirmações [...] como direito ao aborto (21%), reconhecimento de famílias gays (33%), o direito de dois homens se beijarem em público (35%)” (EL PAÍS, 2017).

Portanto, “ao contrário do que poderia apontar o senso comum, as opiniões desses fieis têm mais matizes com respeito à questão de gênero e de direitos das minorias LGBT do que o alinhamento fechado da influente bancada evangélica no Congresso” (EL PAÍS, 2017). A perspectiva sobre comportamentos morais vem mudando, particularmente em igrejas cristãs urbanas e mais escolarizadas, já na metade do século XX instituições protestantes históricas da Europa e Estados Unidos contavam com indivíduos da comunidade LGBTQIA+, embora distante de uma conjuntura nacional, aos poucos essa vêm sendo alterada.

A posição de Mauricio Severo reflete a importância de se compreender os valores individuais, indicadores que revelam mais a identidade do sujeito do que o grupo social o qual

---

<sup>2</sup> No site do evento ele é descrito pelo seu presidente e também apóstolo Estevam Hernandes como a Marcha que representa a união das pessoas e a comunhão de todos que acreditam em Jesus.

pertence. Nos avanços políticos da pós-modernidade, a Vice Brasil aponta os votantes do atual presidente como incoerentes e que se encontram em realidade paralela, a ausência de registrar a relação entre a base do movimento bolsonarista e os temas associados ao campo da direita cristã é uma das razões que contribuem para diagnósticos do tempo presente de maiores limitações.

### **Conclusão**

Na contemporaneidade, há um declínio acelerado no número de católicos e uma ascensão por parte de evangélicos, religião historicamente marginalizada no país, mas que hoje tornou-se *mainstream*<sup>3</sup>. Esse *mainstream* acompanha a presença de evangélicos cada vez maior na mídia, cultura e política, além de desempenharem um novo papel de destaque no atual governo. Deste modo, a falta de um entendimento de maior complexidade em torno dos seguidores de Bolsonaro, enviesa uma cobertura jornalística acerca do assunto de maneira leviana. As mudanças legislativas ocorridas em 2018, reunidas em torno de um candidato que se aproveitou de um crescimento evangélico e de movimentos de direita no país, sucedeu em um presidente como um fenômeno para além do ímpar, mas também político e religioso.

A Vice Brasil, faz bem em tentar compreender os motivos que levam o apoio incondicional ao presidente, exibindo um perfil que a grande mídia finge não existir, a de minorias que o apoiam, mas pecam na abordagem audiovisual e política de apresentá-los, reduzindo o votante a contrassensos. Conclui-se que documentário se afasta de assimilar o vínculo entre o movimento bolsonarista e o discurso evangélico mais conservador, assim é necessária uma leitura do atual jogo político que fuja “de uma interpretação mecanicista, ou seja, de tratar elementos isolados como anticomunismo e nacionalismo partidário como categorias únicas para pensar a nova direita brasileira e latino-americanas”. (BOISARD, 2014; MOTTA, 2002).

### **Referências**

ALMEIDA, Ronaldo. “Deus acima de todos”. Abranches, S. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras.2019.

---

<sup>3</sup> Expressão retirada do artigo do cientista político Sébastien Fath (2020) “Das margens do mainstream: desafios sociais da ascensão evangélica uma comparação transamericana”. O conceito é definido pela dominância e divulgação de uma corrente cultural ou ideológica.

ALVES, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. 2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

ALVES, José Eustáquio. As mulheres evangélicas pobres e a eleição de Bolsonaro. *EcoDebate*, 2019. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2019/03/06/as-mulheres-evangelicas-pobres-e-a-eleicao-de-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>, 06/03/2019. Acesso em: 07 de jul.2022.

ANDRENALINE. “Youtube decide não mostrar mais a contagem de Dislikes em vídeos”, 10/11/2021. Disponível em: <https://adrenaline.com.br/noticias/v/71948/youtube-decide-nao-mostrar-mais-a-contagem-de-dislikes-em-videos>. Acesso em: 07 de jul. 2022.

AUBRÉE, Marion. La vision de la femme dans la “constellation” pentecôtiste. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, n.35/36, p. 231-246, 1998.

BEUGNET, Martine. *Cinema and Sensation: French Film and the Art of Transgression*. Carbondale: Southern Illinois Press, 2007.

BOISARD, Stéphane. Pensando as direitas na América Latina: objeto científico, sujeitos e temporalidades? *Varia História*, v. 30, n. 52, p. 85-100, 2014.

BOLSONARO, Jair. Entrevista programa Jornal Nacional da Rede Globo de televisão em 8/10/2018. *Jornal Nacional*, 2018.

48

BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Bolsonaro – mito político ou líder carismático?. In: CARRANZA, Brenda; GUADALUÉ, José Luiz Pérez (Orgs.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Stiftung, 2019.

EL PAÍS. “Marcha para Jesus não confia nos políticos e defende respeito aos homossexuais nas escolas”, 18/06/2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/16/politica/1497624155\\_222166.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/16/politica/1497624155_222166.html). Acesso em: 07 de jul. 2022.

ÉPOCA. “Como Bolsonaro se tornou candidato dos evangélicos”, 06/10/18. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/como-bolsonaro-se-tornou-candidato-dos-evangelicos-23126650>. Acesso em: 07 de jul.2022.

FATH, Sébastien. Das margens ao mainstream: desafios sociais da ascensão evangélica – uma comparação transamericana. *Debates do NER*, Porto Alegre, v.1, n.37, p.15-45, 2020.

HABERMAS, Jürgen. *A Nova Obscuridade*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 1999.

MAITINO, Martin Egon. “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. *Plural: Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP*, v. 25, n. 1, p. 11-92, 2018.

MCLUHAN, Marshall. *The Medium is the Message: na Inventory of Effects*. Harmondsworth, Penguin Books, 1997.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ORO, Ari Pedro. No Brasil as tendências religiosas continuam: declínio católico e crescimento evangélico. *Debates do NER*, Porto Alegre, v.1, n. 37, p. 69-92, 2020.

SENADONOTICIAS. “Redes sociais influenciam voto de 45% da população indica pesquisa do DataSenado”, 12/12/2019. Disponível em:  
<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 05 ago. 2022.